

A metafísica do “vestígio”

SHARPE, C. *No vestígio: negritude e existência*.
São Paulo: Ubu Editora, 2023.

Andressa Lidicy Morais Lima

<https://orcid.org/0000-0002-2232-0799> – E-mail: andmoraislima@gmail.com
(Resenhista)

Em uma mirada sobre os “vestígios” das pessoas Negras¹ invisibilizadas em instituições que afirmam a unicidade exclusiva do modo de *ser* e de *existir* da branquitude, chega ao Brasil a tradução do livro *No vestígio: negritude e existência*, escrito pela crítica literária estadunidense Christina Sharpe. Publicado pela Editora Ubu em 2023, com tradução de Jess Oliveira, a presente obra aqui resenhada chega com fôlego e espaço aberto de apreciação no contexto brasileiro, não por acaso, mas por inúmeras qualidades que pretendo destacar a seguir. A maior delas, sem dúvida, é a proposição de uma metafísica do “vestígio”, uma categoria central de análise e compreensão do modo de existir na negritude, como experiência racializada do colonialismo que persiste no tempo presente.

Concordante com as “viradas ontológicas”, Sharpe, contudo, adiciona um “giro pós-colonial” na própria constelação das novas ontologias, de modo que permita ela mesma e as suas/ seus leitoras/as entenderem o que significa existir na negritude nas nossas sociedades construídas sobre uma estrutura de desigualdade moldada pelo racismo, em formas de omissões e exclusões, em “tecnologias de poder” que persistem mesmo após o fim da escravidão nos Estados Unidos no século XIX. Abolida a instituição da escravidão, persiste ainda a metafísica do racismo que nega diariamente a “humanidade” dos modos de ser do Negro. Para a autora, o momento seguinte permaneceu aprisionado nessa masmorra ontológica, na qual a negritude permaneceu limitada à sub-existência. Algo também familiar a nós, brasileiras, habitantes de um modo de vida que mesmo com a morte da escravização, temos nossos corpos assombrados pelos vestígios da violência colonial que permanece corporificada através de um mundo que opera segundo uma lógica antinegro através dos saberes jurídicos, midiáticos, médicos, acadê-

¹ O uso da letra N maiúscula na palavra Negra corresponde a uma “aparição-transmutação” de *Black*, um vestígio adotado no texto pela tradutora. Aparece como uma nota inicial do livro (SHARPE, 2023, p. 11).

micos – dispositivos que eternizam a ideia do que significa “Ser humano” e que exclui pessoas Negras dessa morada (branca) do ser.

Nesse sentido, o trabalho de Sharpe parece convergir com o “afropessimismo”², quando este afirma que nesse modo de existência ocidental não é possível conceber a existência dos Negros como senão “não-existência”. Mas para além do afropessimismo, Sharpe sugere fabular com outros “mundos”. É preciso imaginar, ou melhor, *fabular* histórias outras/paralelas que possibilitem reagir e afetar este mundo de outras maneiras. A consulta de documentos históricos como o Banco de Dados do Tráfico Transatlântico de Escravos, o filme *The Forgotten Space: a film Essay Seeking to Understand the Contemporary Maritime World in Relation to the Symbolic Legacy of the Sea*, de Allan Sekula e Noël Burch, a literatura de Toni Morrison, Dionne Brand, Saidiya Hartman, imagens fotográficas, mapas, matérias de jornais, entre outras diferentes fontes compõe o material “empírico” de fabulação de outros “mundos”. Contra a obstrução ontológica que torna a forma do ser Negro como “animalesco”, a escritora negra estadunidense propõe uma análise sobre imagens em diferentes tempos históricos e procura enfatizar o modo como o “vestígio” atravessa diferentes contextos sociais, políticos e econômicos, alimentando formas de exaustão, cansaço e luto como condição de existência das pessoas Negras.

Sem que esquecer que a escravização de pessoas Negras serviu de bens móveis e combustível para os projetos nacionais e imperiais do Estado, Sharpe defende que o “vestígio” não é apenas esse rastro de memória de um passado colonial e escravocrata, mas é também “o rastro deixado na superfície da água por um navio; a perturbação causada por um corpo nadando ou sendo movido na água; as correntes de ar atrás de um corpo em voo; uma região de fluxo perturbado” (SHARPE, 2023, p. 12). O termo em inglês *wake*, que dá nome ao título aqui referido, encontra uma tradução em português nas palavras “vestígio”, “vigília”, “velório”, “velar”, “veredal”, e tal gramática é absorvida ao longo da narrativa.

Vestígio especula sobre os processos migratórios da população Negra da Diáspora em busca de oportunidades e a descoberta de que as coisas nesse “novo mundo” almejado não eram tão diferentes do que já era conhecido, mas poderiam ser. O vestígio permanece nas “sujeições do racismo constante e escancarado e do isolamento” (SHARPE, 2023, p. 14). Mesmo com trabalho, educação, endereço e residência fixa, pessoas negras, nos Estados Unidos, experimentaram a precariedade na forma do vestígio de um passado que não passou, expresso em relatos pessoais sobre as condições de vida precárias com corte de energia elétrica, buracos nas paredes e teto por falta de recursos para consertar, danos causados por vazamento de água, entre outras rotinas que elucidam sua compreensão sobre a sujeição do racismo. Cabe destacar que a sujeição não é tomada como enquadramento das pessoas Negras como sujeitos passivos. Pelo contrário, ao longo da narrativa vamos tomando conhecimento de que alguém que leu, viu e testemunhou o racismo agiu para se posicionar na forma ativa da escrita astuta, sensível, observadora e crítica. Portanto, Sharpe nos mostra a consciência de si como vestígio do projeto inacabado de emancipação e a possibilidade de outros modos de existência para pessoas Negras.

Ao lado da categoria do vestígio, outro conceito igualmente relevante é o de “desastre”, formulado por Maurice Blanchot. O “desastre” nos faz lembrar de tudo o que é arruinado e vem sobre nós; é ele também um vestígio do que “a escravização transatlântica foi e é” (SHARPE, 2023, p. 18). Logo, o desastre é o desdobramento contínuo de séculos do comércio de pessoas Negras como bens móveis, o que ela considera o evento mais arrogante e definidor do mundo moderno. Com esse segundo conceito, Sharpe propõe pensar o próprio “vestígio” como um problema do/para o pensamento. Em sua escrita, aos poucos, tomamos conhecimento sobre a

² Ver Pereira (2021) e Whindersson (2021).

trajetória familiar marcada pelo assassinato de homens Negros e como a morte Negra é construída sob estruturas discursivas de previsibilidade. A normalização dos contínuos assassinatos de pessoas Negras seria algo constitutivo da democracia ocidental. Por que? Porque as mortes Negras são a norma aceita socialmente, baseada na “antinegriedade”. Ao longo do texto, Sharpe inclui o que é pessoal e biográfico para lançar luz sobre forças sociais acerca do que é existir no vestígio para uma família Negra específica e, do mesmo modo, afirma que existir no vestígio é algo vivido por todas as pessoas Negras. As condições contemporâneas dessas pessoas são delineadas no limiar da morte, como mortalidade, pois “no vestígio, o passado que não passou reaparece, sempre, para romper o presente” (SHARPE, 2023, p. 25).

A vida Negra que ecoa no vestígio exige de nós o “trabalho de vigília”, pois, onde quer que estejamos, os profissionais da saúde, da segurança, da educação, tratam pessoas Negras de forma diferente: não ouvem nossas inquietações, racionam remédios ou negam acesso às medicações, acreditam que Negras sentem menos dor e por isso estão propensas a suportar mais, no limite, continuam a nos oferecer o tratamento desigual vestígio da ontologia dos Negros como “menos que humanos”, portanto, corpos despossuídos de existência. Nesse sentido, o poder da vigília está concentrado no trabalho de estar junto com outras pessoas Negras na hora da dor e da tristeza causadas pela morte, pois constitui uma maneira de marcar, lembrar e celebrar a vida, insistir na existência de pessoas Negras. Os modos de sujeição dos corpos Negros mudaram, mas permanece a estrutura de sujeição. A autora nos lembra que devemos a partir disso pensar sobre as condições das pessoas Negras após a abolição.

Considerando o contexto brasileiro, também marcado pela escravização de pessoas negras como bens móveis, na transição para a modernidade – cercadas por quem reivindicou a propriedade sobre seus corpos, que brigou e, muitas vezes, ainda briga para estender sobre corpos Negros um estado de captura e sujeição – encontramos no “vestígio” uma chave explicativa com potencial heurístico para analisar e reconhecer os desdobramentos sociohistóricos que ressoam em nossa existência no presente. É importante apontar que a categoria conceitual vestígio significa múltiplas coisas/significados/sentidos. O “trabalho de vigília” para Sharpe também significa consciência diaspórica, pois a partir dele é possível imaginar outramente o vestígio. Nesse sentido, Dionne Brand é lembrada por Sharpe como uma autora que opera o trabalho de vigília em seus poemas. Ao lado Brand, Saidiya Hartman também é outro nome da literatura negra que elaborou o vestígio para além da “produção a partir do nada: espaços vazios, silêncio e vidas reduzidas a destroços” (SHARPE, 2023, p. 43).

Além do potencial explicativo contido na categoria “vestígio”, existe ainda aspectos metodológicos refletidos que envolvem a pesquisa em estudos negros, isto porque o conhecimento da escravização e da existência Negra na escravização tem múltiplas fontes e seu livro oferece caminhos vigorosos de pesquisa, análise e produção de uma agenda de estudos sobre tais atravessamentos. Ainda podemos destacar os limites dos métodos convencionais de nossa escrita, quando tentamos dar sentido, entender silêncios, explicar ausências e visibilizar diferentes modos de desaparecimento que recaem sobre corpos Negros. É nesse sentido que a literatura de Brand e Hartman oferecem os meios de “sentar-se no espaço com a história”, de nos “indisciplinar” diante do frequente exercício de sermos disciplinados a pensar por meio da nossa própria aniquilação. “Um mapa para a porta do não retorno” é o desenvolvimento de um conhecimento enegrecido, que se propõe a entender que o lugar onde está tem a ver com a “Porta do Não Retorno” e com aquele momento de ruptura histórica e contínua. Um método semelhante ao sentar-se ao lado e encontrar um passado que não passou, cujo rastreamento é o fenômeno que afeta de forma desproporcional e devastadora a existência de pessoas Negras em todo e qualquer lugar que estejamos.

Sharpe introduz a abordagem da existência Negra no vestígio como uma forma de consciência, logo, “existir” e “ser” no vestígio requer investigação dos arquivos cotidianos da morte Negra imanente e iminente. A autora assinala que seu estudo continua a problemática da negação ontológica do *ser* aos negros, mas deseja investigar o que sobrevive da negação ontológica dessa humanidade. Em suas próprias palavras:

Meu projeto olha para os desastres cotidianos atuais no intuito de perguntar o que, se é que algo, sobrevive a essa persistente exclusão das pessoas Negras, a essa negação ontológica, e como a literatura, a performance e a cultura visual medeiam essa (não) sobrevivência. Para fazer esse trabalho de me manter no vestígio e realizar o trabalho de vigília, volto-me também para formas de expressão cultural Negras [...] que não buscam explicar nem resolver a questão dessa exclusão em termos de assimilação, de inclusão ou de direitos civis ou humanos, mas sim retratar esteticamente a impossibilidade de tais resoluções, representando os paradoxos da negritude nos legados da negação da humanidade Negra pela escravização e depois deles. Nomeio esse paradoxo como vestígio, e uso vestígio [wake] em todos os seus significados [vestígio, vigília, vereda] como um meio de compreender como as violências da escravização emergem nas condições contemporâneas de dimensões espaciais, legais, psíquicas e materiais e em outras dimensões da (não) existência Negra, bem como em modos Negros de resistência (SHARPE, 2023, p. 35).

Portanto, o vestígio é o meio conceitual de compreensão dos modos como as violências da escravização emergem na existência Negra no presente. Logo, ser “Negro” significa “viver no vestígio”, e viver no vestígio significa viver a história e o presente do terror. Isto porque existir no vestígio é viver no não espaço que a lei não é obrigada a respeitar. Em uma fascinante passagem a respeito da trajetória triangular que ia da Europa à África, em seguida às Américas e retornando à Europa, vemos uma Sharpe que articula a virada afetiva com a virada decolonial ao falar dos múltiplos registros materiais do vestígio em eventos catastróficos do cotidiano. E, só para mencionar um exemplo, recupero aqui a narrativa sobre a semiótica do porão do navio tumbeiro e a “tensão entre a existência e a instrumentalidade que é a existência Negra no vestígio” (SHARPE, 2023, p. 49).

Em meus próprios termos, dialogando com a Sharpe, posso mencionar o trabalho de vigília produzido por mulheres negras da TamoJuntas³, na Bahia, que traduz os contornos do reconhecimento da existência negra apesar do vestígio. Mas não paro por aqui, a própria Sharpe revisita filmes que tratam do vestígio transatlântico no capítulo 2, intitulado “O navio”, onde encontramos uma abordagem sobre as artes e a literatura que tem explorado o vestígio dos corpos negros que residem no oceano. Nesse sentido, o mar é o espaço aquecido da nossa modernidade e a movimentação de contêineres de transporte refletem os destroços causados pelo capital global nessa movimentação transatlântica do presente. Também neste capítulo a autora nomeia de “ortografia do vestígio” o modo de inclusão e incapacidade de compreensão do sofrimento do Negro, tal referência ganha musculatura crítica no momento que a autora faz uma análise da produção fílmica em *The Forgotten Space*, pois é ali que observamos a incapacidade de compreensão do sofrimento de Aereile Jackson quando é retratada como “ex-mãe”. A imagem de uma mulher negra entre contêineres de transporte segurando uma boneca e nomeada como “ex-mãe” é um registro da abjeção do sistema globalizado que se expressa numa forma de violência que ao mesmo tempo precede e excede os Negros, pois nessa imagem da Sra. Jackson o espaço esquecido é a sua negritude. Outro ponto interessante desse capítulo é

³ Ver Moraes Lima (2020).

o tema do “trans-atlântico”, um atlântico que sempre foi Negro e *queer*, isto porque a vida negra é sempre *queer* e muito além. A escravização transforma as pessoas em coisas e torna os desejos “trans” (SHARPE, 2023, p. 67). A experiência Negra é assombrada pela história da escravização, portanto, requer teorizar os significados múltiplos da abjeção contínua da negritude através de uma “disgrafia do vestígio”. Atravessamentos e afogamentos contínuos no mar, assim como o policiamento e o isolamento de pessoas Negras são tratados como subdesenvolvimento moral. Além do filme, Sharpe se vale de pinturas, documentos sobre o navio Zong entre outros acontecimentos que permitem inserir a sua ontologia espectral, isto é, uma descrição fenomenológica especulativa do vestígio. Para Sharpe, o mar é residência ontológica e por isso adota uma releitura vitalista do vestígio dos corpos lançados ao mar. Podemos identificar uma virada vitalista, afetiva, ecológica e pós-colonial a partir de sua análise sobre o Zong (SHARPE, 2023, p. 81-83).

No capítulo três, intitulado “O porão”, a autora faz uma descrição minuciosa e repleta de referências históricas acerca desse espaço de residência ontológica de longa duração: o porão. Uma leitura sobre a linguagem da violência expressa na forma da sede, da dor, do calor, da coronhada, do arremesso ao mar de pessoas Negras privadas de água e luz solar, mantidas incapazes de sair sem permissão e confinadas a vidas invivíveis. Esse registro da história está para nós como um acontecimento do presente compreendido a partir das compulsões do capital que faz o mesmo com pessoas refugiadas, pessoas imigrantes sem documentos que são traduzidas como escória e gentilha, proibidas de ir para uma cidade, encontrar e manter um emprego, frequentar uma escola ou “Ser um homem negro” e seguir em frente. São pessoas proibidas de retornar ou de avançar. Seu argumento afirma que essa containerização da vida no presente é uma repetição do navio Zong. Além disso, o Zong se repete por meio da lógica do cálculo da desumanização iniciada há muito tempo com a “matemática da vida negra”, quando lançavam ao mar algumas pessoas negras com o intuito de “salvar o resto da carga”.

Para confirmar isso, não precisamos ir além das ortografias pós-modernas do vestígio – transmitidas por meio de linhas do tempo do Twitter, feeds do Facebook, sites, Tumblrs, Instagrams e outras mídias e redes online tradicionais, todas organizadas para espetacularizar o sofrimento de mães despossuídas após os assassinatos de seus filhos e filhas, cada mãe forçada a mostrar sua dor em público (SHARPE, 2023, p. 135).

Será ainda nesse capítulo que Sharpe introduzirá sua concepção de “negritude anagramatical”. Tal concepção é evocada a partir da analogia entre o porão do tumbeiro transformado em navio-prisão e a prisão que repete a lógica arquitetônica do tumbeiro na/através da Diáspora Negra global. Com isto em mente, define o índice de inviolabilidade e também de potencialidade expresso na “negritude anagramatical”, isto é, o significado das palavras se desfazem em relação a corpos Negros e então somos instados a pensar na dificuldade de fixar a significação. A imagem da Sra. Jackson descrita como “ex-mãe” é um exemplo desse caráter anagramatical visto que a vida Negra de Aereile é um estado forçado de violação, além disso, a mãe nesse quadro analítico é uma relação que perde significado diante de conceitos como escravização e propriedade. Tal proposta analítica nos faz pensar que a escravização transformou a mulher Negra nesse ponto de passagem entre o mundo humano e o não humano, mulheres e crianças Negras continuam a ser consideradas vítimas “menos-que-humanas” e agentes de desastres “naturais”. Nítida e literalmente a imagem da Sra. Jackson é um exemplo do que Sharpe chamou de “negritude anagramatical” (SHARPE, 2023, p. 145-146).

Observo que o “porão” continua a se repetir no presente, moldando-o como em um barco atravessando o mar com imigrantes ou na sala de aula onde jovens crianças e adolescentes

Negros são forçados a suportar mais traumas ao serem submetidos a mais dor tentando equilibrar melhor a balança entre a necessidade de conhecimento para sua sobrevivência e a aquisição desse conhecimento. Essas pessoas estão aprisionadas a um tipo de aritmética violenta em que a negritude destrói seus corpos mediante cálculos raciais que limitam o acesso desses corpos Negros à saúde, à educação, ao trabalho digno ou o direito ao novo lar. Não poderia e nem deveria deixar de mencionar a questão da brutalidade presente na fabricação medieval de açúcar e o modo como Sharpe introduz o açúcar como dor ou como castigo ao recuperar a citação de C. L. R. James: “senhores enterravam-nos até o pescoço e lambuzavam as suas cabeças com açúcar para que as moscas as devorasse” (SHARPE, 2023, p. 181). Como diz nossa autora, “vivemos n(as) vidas após a morte da escravização, sentadas no espaço com a história, em estado de emergência vivido e não declarado” (SHARPE, 2023, p. 183). Assim, numa atitude metodológica, a partir da lente da “Porta do Não Retorno”, podemos imaginar outra coisa e nos comprometer ou contemplar entre nós maneiras que mudam através do tempo e do espaço.

“O tempo” é o título do capítulo que finaliza o livro. Nele, as leitoras navegam em um passado cheio de exemplos de como o “mar” como metáfora para a liberdade almejada foi destino de uma elevada expectativa de “confiança”, pois muitos que atravessam o mar fugindo de guerras, de pobreza e em busca de alguma possibilidade de afirmação de sua vida depositam no mar o começo para a “liberdade”, mas também podem encontrar o fim de todas as coisas. O que Sharpe chama de tempo é característica de mutabilidade e improvisação, pois “ele produz novas ecologias [...] O tempo transforma a existência Negra” (SHARPE, 2023, p. 194). Neste capítulo a autora faz um interessante diálogo com Frantz Fanon para aproximar tempo, técnica e contabilidade, utilizados para tornar o corpo Negro como defeituoso ou monstruoso. Recuperando eventos importantes da historiografia, a autora destaca como o monitoramento do tempo foi essencial para a gestão das *plantations*, pois alguns proprietários de pessoas escravizadas estavam convencidos de que elas trabalhariam mais pesado em dia de chuva, e outros destinavam tarefas “mais leves” no dia de tempo fechado. O fato é que a escravização também exauriu os pulmões colocando-os à exaustão. E, diante desse vestígio, sou convencida de que na exposição do corpo Negro a um expediente de trabalho duro e implacável debaixo de sol e chuva, fosse na umidade do confinamento dos porões do Navio ou no implacável sol durante o corte de cana de açúcar, para os proprietários esse tipo de prática mantinha a respiração e, dessa maneira, vitalizava o corpo Negro. Diante disto, sabemos que tais práticas pseudocientíficas eram na verdade uma protoforma de negacionismo ontológico expresso a partir da pseudociência escravocrata e, nós, no presente, vivemos no vestígio dessa pseudociência e devemos imaginar como devolver o fôlego ao corpo Negro. A palavra para isso é “aspiração” (SHARPE, 2023, p. 206). Nesse sentido, a anotação Negra e a revisão Negra são como a *práxis* do trabalho de vigília, uma atitude metodológica para responder ao corpo que precisa ser aspirado. Tais práticas referem-se às ortografias do vestígio, que exigem novos modos de escrita e novas maneiras de tornar sensível a “imaginação Negra”.

Sharpe está convencida de que as imagens violentas têm o efeito de solidificar e tornar contínuo o projeto colonial de violência. Sua escrita e seu trabalho minucioso de visitar arquivos, filmes, notícias de jornais, cartas, fotografias, documentários, literatura e eventos de sua biografia retrata um esforço genuíno de consolidar uma abordagem capaz de imaginar outras formas de existir que escapem ao destino pré-escolhido aos corpos Negros da diáspora. O texto trata a descolonização em termos ontológicos, reconhece as formas de violência autorizadas contra corpos Negros no presente e sabe seus limites para interrompê-las, mas deseja, a partir de uma prática sensível, desviar de uma descrição que é sempre animalizada e expropriada de registro humanizado sobre o corpo Negro. Logo, pensar o presente contínuo de sujeição e re-

sistência como movimento de produzir novos contornos para uma existência Negra é o ponto forte do livro e um convite irrecusável ao pensamento negro contemporâneo. Seu olhar pretende reposicionar e articular uma história de sobrevivência ao navio para corpos que repetidamente foram mortificados. Para finalizar tomo de empréstimo o olhar de Sharpe (2023, p. 230) ao recuperar uma fala da personagem Zabou no filme *Timbuktu*, do cineasta mauritano Abderrahmane Sissako, “você e eu somos iguais... Rachados em todos os lugares”. Com essa cena, todas nós, leitoras negras, somos lembradas de que o vestígio não só nos atravessa, mas constitui nossos modos de existência.

Referências

- MORAIS LIMA, A. L. *Azul Profundo: Etnografia das práticas de advocacia feminista e antirracista na Bahia*. 2020. 447 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- PEREIRA, A. K. A condição sem análogo da antinegitude: uma introdução ao afro-pessimismo. In: ASSUNÇÃO, M. F. M.; MIRANDA, F. R. (Orgs.). *Pensamento afrodiaspórico em perspectiva*. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.
- SHARPE, C. *No vestígio: negritude e existência*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- WILDERSON, F. B. *Afropessimismo*. São Paulo: Todavia, 2021.

Sobre a resenhista

Andressa Lidicy Morais Lima

Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB). Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Cientista Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora Adjunta do Instituto Humanitas de Estudos Integrados da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Recebido em: 11/06/2024
Aprovado em: 18/06/2024

Received: 11/06/2024
Approved: 18/06/2024